

"Tudo o que sei sobre moralidade e as obrigações do homem devo ao futebol", disse um dos maiores escritores do mundo, Albert Camus, Prêmio Nobel de Literatura, em 1957. Ele dizia que aprendeu mais sobre a vida no gol do que em qualquer sala de aula.



Teresa Martins celebrou sua nova idade com jantar no Cabana do Sol

• PAG. 4 e 5



No restaurante Cabana do Sol, Teresa Martins com Pádua Weber, Soraia e Socorro Fialho

Ser goleiro de futebol era o maior sonho do Nobel de Literatura Albert Camus

• PAG. 4 e 5

Divulgação/Herbert Alves



MÃE
e filha em momento de grande charme e simpatia: Rafaela Samey Murad e Fernanda Samey Murad Muniz no jantar de celebração dos 70 anos da amiga Teresa Martins

PAG. 4 e 5

O escritor Albert Camus acreditava que certos livros extraordinários têm o encanto de banquetes: merecem ser saboreados com a companhia de um tinto de boa safra. Essa boa ideia se aplica a uma grandiosa obra menor de Beckett. Trinta e oito anos antes de receber, em 1969, o Prêmio Nobel de Literatura, Samuel Beckett escreveu uma série de ensaios (Dante, Bruno, Vico e Joyce), que culminaria com o texto que revela todo o esplendor de seu talento: Proust, ensaio que aproveitando a metáfora de Camus não é um texto para leitura, mas sim um prato para degustação.

Não consigo lembrar a data com absoluta precisão. Sei apenas que foi no Rio de Janeiro, anos atrás. Descobri na prateleira de uma pequena livraria um exemplar resplandecente do Proust, na excelente tradução brasileira de Artur Nestrovski (L&PM, 1986), há muito esgotada.

Alguns anos depois encontrei Nestrovski na saída do restaurante Fartas Brutos, que me fora apresentado por José Sarago (Prêmio Nobel de Literatura 1996) e

AROMAS E SABORES

que emergem da leitura e a aproximação direta da literatura com a gastronomia

Alçada Baptista, em Lisboa: além de tradutor, é músico de sucesso, o que explica a afinação do texto traduzido. Mas não tive tempo de dizer a ele que abrir o pequeno volume da tradução do Proust foi como sentar à mesa de um banquete.

Impressionante a sucessão de delícias daquelas linhas prodigiosas. Logo nas primeiras páginas, num 'couvert' inesperado e delicioso, Beckett surpreende com uma frase: "O engenho do Tempo na ciência da aflição". A 'entrada', que, exatamente como dizia Salvador Dalí, faz nossas papilas es-tremecerem, é o mergulho na desolação de

Swann, quando recebe de sua mulher Odette a notícia que Forcheville (amante de Odette e, depois da morte de Swann, seu marido) vai ao Egito, na Páscoa. "Na verdade, está me comunicando que ela vai com Forcheville ao Egito, na Páscoa", traduz Swann, arrasado.

Beckett recorda a dimensão, gigantesca para Swann, dessa pequena tragédia pessoal, com a delicadeza e a consistência de um vinho Bordeaux de linhagem respeitável. O paladar é provocado pelas alusões breves ao sabor da eterna madeleine embebida em chá, e pela inefável 'omelette à

Duval' de Françoise, a imortal cozinheira do lar dos Proust.

Mas há, sobretudo, aquela aproximação direta da literatura com a gastronomia, muito mais banal e prosaica, quando acreditamos que algum texto é "delicioso", ou coisa parecida: a sensação física, que não deixa de ser meio proustiana, de agrado, de gosto bem-vindo, diante da leitura.

No Proust de Beckett, não é exagero perceber aromas e sabores que emergem da leitura. Como prato principal no impecável banquete que Beckett nos oferece, há uma reflexão exemplar sobre a excelência do texto: "Para Proust, a qualidade da linguagem é mais importante do que qualquer sistema ético ou estético".

Na verdade, é uma trapaça elegante: para ele, Beckett, é que é assim. O banquete se resume a menos de oitenta páginas, sempre iluminantes. É possível que o encantamento e a perplexidade do leitor se misturem numa indagação: o que ele quer dizer, afinal?

O próprio Beckett responde: "Nada tenho a dizer. Mas somente eu sei como dizer isso".



Fotos/Divulgação/ Herbert Alves

Maria da Graça e Paulo Brandão brindam com champanhe as seis décadas e meia de amor

64 ANOS DE FELICIDADE

Maria das Graça e Paulo de Tarso Brandão reuniram a família em seu apartamento, no sábado da semana passada, para uma comemoração muito especial: os seus felizes 64 anos de união matrimonial pontuados de momentos de amizade, companheirismo e muito amor.

O casal teve três filhos: Paulo (mora

na Espanha), Thais e Márcio – só Paulo não pode vir para a celebração.

Além dos filhos, genro, nora e netos, Ana Maria Belfort Souza esteve presente em nome de uma antiga amizade que une as duas famílias deste os tempos em que foram vizinhos no Caminho da Boiada.



Maria da Graça e Paulo Brandão com os filhos Thais (e o marido Márcio Costa Fernandes Vaz dos Santos) e Márcio (e a esposa Mariana Clementino Brandão)



Maria da Graça e Paulo Brandão com a filha Thais e Márcio Vaz dos Santos e os filhos



Maria da Graça e Paulo Brandão com Márcio e Mariana e os filhos



Ana Maria Belfort Souza se uniu à família Brandão para a celebração

PRÊMIO NOBEL DE 1957 ERA UM GOLEIRO

“Tudo o que sei sobre moralidade e as obrigações do homem devo ao futebol”. Essa frase é de um dos maiores escritores do século XX, Albert Camus, e que ganhou o Nobel de Literatura, em 1957.

O grande escritor foi goleiro reserva da seleção argelina. A principal obra dele é fruto de um contexto histórico que envolve a ascensão do Nazismo e a tragédia da segunda guerra mundial, ao tempo em que relata uma epidemia de ratos e transpõe os limites de uma individualidade de uma catástrofe vivida por uma cidade imaginária e, é óbvio, como toda obra literária de qualidade acima da média, abarca o universal.

Final, como assinala uma das personagens, “a peste está dentro de nós”.

Vejamos as palavras finais do narrador do famoso romance: “(...) o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca; pode ficar dezenas de anos adormecido

nos móveis e na roupa, espera, pacientemente, nos quartos, nos porões, nos baús, nos lençóis e na papelada”.

Você, caro(a) leitor(a), talvez seja uma daquelas pessoas que afirmem, inadvertidamente: “como é que um intelectual se passa a gostar de um esporte que apresenta 22 machos atrás de uma bola?”

Esse juízo, é óbvio, está equivocado. O futebol é, antes de tudo, uma arte. Que o digam Néelson Rodrigues ou José Lins do Rêgo.

Esse Nobel que amava futebol e foi goleiro reserva da seleção argelina é autor de uma obra prima da literatura mundial: “A Peste”, de que transcrevemos algumas passagens.

Principais obras de Camus, além de A Peste: O Estrangeiro; O Avesto e o Direito; O Renegado; O Mito de Sísifo; Os Justos; Estado de Sítio; Réquiem para uma Freira.



Fotos/Arquivo

O INTELLECTUAL COMO GOLEIRO

Albert Camus foi um dos maiores escritores do século XX, autor de O Estrangeiro e de outras notáveis obras, e um intelectual atuante, conhecido pela coragem e pela independência.

Nascido na Argélia, Camus formou-se em filosofia, foi por um breve período membro do Partido Comunista, emigrou para a França, participou na resistência contra a ocupação nazista e viveu aquele extraordinário, e tumultuado, período que se seguiu à II Guerra, marcado pela ascensão da esquerda, e, na França, pelo apogeu do existencialismo.

Camus era amigo de Jean-Paul Sartre, mas acabaram rompendo. Sartre aderiu ao comunismo, tornou-se maoísta e justificava os excessos cometidos pelo regime com o argumento de que mais vale sujar as mãos do que ficar em cima do muro: não por acaso, é autor de uma peça chamada Les Mains Sales, As Mãos Sujas, que fala exatamente disso, dos dilemas dos intelectuais.

Camus defendia a independência destes; na guerra de independência da Argélia, manifestou-se sobretudo contra o terrorismo usado pelos guerrilheiros. Posição controversa, portanto.

Mas há um detalhe curioso na vida de Camus. Na juventude, ele jogou futebol; aliás, a primeira coisa que fez, quando visitou o Brasil, foi pedir para assistir a uma partida do campeonato.

Camus foi goleiro, o que me parece muito significativo. No time, o goleiro é uma figura completamente diferente, isolada mesmo. Há 10 jogadores que formam um conjunto, trocam passes, conversam entre si; mas só há um goleiro. Ele é o único que pode usar as mãos, o que lhe dá certa superioridade: a mão é mais característica da espécie humana do que o pé, ainda que grandes jogadores tenham-no transformado no instrumento de um incrível virtuosismo.

Mas a superioridade termina aí. O goleiro é antes de tudo um solitário. E a pergunta é: como será que se sente nesta situação?

O escritor alemão Peter Handke tentou encontrar a resposta em um romance, adaptado para a tela por Wim Wenders: O Medo do Goleiro Diante do Pênalti. A história, na verdade, tem pouco a ver com futebol; trata-se de um goleiro que, depois de um bate-boca com o juiz e depois de ter sido substituído pela direção do clube, comete um crime (felizmente os goleiros em geral não chegam a tanto).

Mas o título, convenhamos, é sugestivo: no esporte, poucas situações devem ser tão amedrontadoras quanto essa. O pênalti é praticamente um gol certo; o goleiro só pode contar consigo



mesmo e com a sorte. Agora: quem vocês acham que propôs à International Board, precursora da Fifa, a criação do pênalti, à época chamado de “a pena de morte para os goleiros”? Pois foi William McCrum, goleiro irlandês. Isto mesmo, um goleiro. Como se ele estivesse dizendo: testem-nos, e vocês vão descobrir como se vence o medo.

Voltando a Camus, a posição dele era desconfortável, para dizer o mínimo. Mas o escritor insistia em pensar por sua própria cabeça. E o tempo acabou lhe dando razão.

Ele não chegou a viver para ver isso (faleceu precocemente num acidente de automóvel; não foi numa estrada brasileira), mas sua obra, premiada com o Nobel de Literatura, permanece sempre atual.



O intelectual Albert Camis, que brilhou como goleiro na juventude

A vida no Planeta Bola

No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava informe e vazia. Então, Ele ordenou que a terra produzisse plantas e ervas. Estavam criadas as condições para o primeiro campinho de futebol. Mas faltavam os atletas. Aí Ele fez os seres vivos, alguns deles à sua imagem e semelhança, outros nem tanto. E ordenou: multipliqui-vos.

Pronto, os humanos já podiam formar tribos e times. Mas ainda faltava o mais importante: a bola. Tempos depois, os chineses inventaram um jogo chamado tsu chu, que consistia em chutar um couro recheado. Finalmente, os ingleses criaram regras para o novo esporte.

E o mundo nunca mais foi o mesmo. Em vez de se matar em lutas fratricidas nas arenas de gladiadores, nas batalhas campais e nos duelos de espada para provar que eram mais altos, mais fortes e mais rápidos do que seus oponentes, os terráqueos passaram a competir pela posse da bola, pelo seu domínio, pelo passe certo, pelo chute perfeito, pelo drible, pelo gol.

A vida no Planeta Bola...2

Golaço da humanidade. A partir daí, tribos de todas as origens passaram a se reunir de quatro em quatro anos para disputar supremacia sem que ninguém precisasse decapitar os adversários.

A Copa do Mundo, sempre linda, festiva e emocionante, comprova que, pelo menos um pouco, a humanidade evoluiu.

A vida no Planeta Bola...3

Num incerto dia, na pré-história da humanidade, aquele serzinho frágil que se escondia na caverna, com medo das garras do tigre, dos dentes do crocodilo e do veneno da serpente, tirou as patas dianteiras do chão e passou a caminhar ereto. Sua cabeça fervilhava de ideias. Passou a usar as mãos para empunhar clavas, machados e outros instrumentos de defesa e ataque que lhe deram poder sobre os demais animais. Então pôde utilizar os pés não apenas para caminhar e correr, mas também para chutar o balde, o pau da barraca e – por pura diversão – bolas de meia, de borracha e Triondas.

Adorou a brincadeira. Formou equipes para competir de forma coletiva. E as representações nacionais passaram a se reunir de quatro em quatro anos para celebrar a alegria de colocar a bola com os pés no gol adversário. Virou esta festa planetária que mobiliza multidões, ilusões e paixões. Apesar da violência e das guerras, às vezes a vida presta no Planeta Bola.

Escalação para a Copa Literária

Escalamos 15 jogadores (craques da literatura e bons de bola), entre eles vencedores do Prêmio Nobel, que exibem a mesma genialidade com a caneta e a chuteira

A maior Copa do Mundo da história – com 48 seleções e três países-sede (EUA, Canadá e México) – também pode ser jogada com as palavras. Enquanto a bola rola nos gramados, a literatura resolveu fazer a sua própria convocação.

Selecionamos representantes de todos os continentes, campeões mundiais e vencedores de Nobel, misturando potências do futebol e gigantes da escrita.

O estilo literário de cada autor dita a sua função tática no gramado. Romancistas de fôlego ocupam posições que exigem resistência; contistas e poetas jogam na velocidade e no passe curto.

É dessa intersecção entre a estética do drible e o peso da palavra que nasce a Copa literária.

Escalação para a Copa Literária...2

Conheça o time: romancistas na defesa, poetas na velocidade e um meio-campo genial

Goleiro: Miguel de Cervantes (Espanha). O goleiro vive no limite entre a realidade do gol e o milagre da defesa impossível. Da Mancha ninguém passa.

Lateral-direito: Machado de Assis (Brasil). Joga com a cabeça erguida e antecipação irônica. Domina o “olhar oblíquo” para desarmar o ponta adversário na base da psicologia e da elegância.

Zagueiro direito: Thomas Mann (Alemanha). Uma muralha de solidez germânica. O autor de A Montanha Mágica constrói uma defesa intransponível através do fôlego e da imposição física.

Zagueiro esquerdo: Marcel Proust (França). O zagueiro do tempo e do espaço. Enquanto o atacante tenta correr, Proust o envolve em uma teia de minúcias e desacelera o jogo.

Lateral-esquerdo: Nadine Gordimer (África do Sul). Uma lateral de forte apoio social e atenta à realidade do campo. A Nobel sul-africana traz para a ala esquerda a precisão de quem corta linhas adversárias com rigor.

Primeiro volante: Franz Kafka (República Tcheca). O cão de guarda. Cria um labirinto defensivo no meio-campo. O adversário cai em um processo sufocante de faltas táticas e cercamentos inexplicáveis.

Segundo volante: Jorge Luis Borges (Argentina). O volante cerebral que enxerga as infinitas bifurcações do campo. Seus passes geométricos transformam o meio-campo em biblioteca de jogadas ensaiadas.

Armador: William Shakespeare (Inglaterra). O dono do time, mestre em ditar o drama e a comédia da partida. Shakespeare distribui o jogo e rege o elenco porque entende a alma humana.

Ponta-direita: Fernando Pessoa (Portugal). Confunde os marcadores porque ninguém sabe qual heterônimo está com a bola. Em um lance corre com a fúria de Álvaro de Campos; no outro, tabela com a calma de Alberto Caeiro.

Centroavante: Ernest Hemingway (Estados Unidos). Estilo direto, sem firulas ou adjetivos. Hemingway vai direto ao gol. Aguenta a pancada dos zagueiros e decide a partida com um único chute seco.

Ponta-esquerda: Gabriel García Márquez (Colômbia). A velocidade do realismo fantástico. Gabo corre pela esquerda fluando sobre o gramado, com dribles que desafiam as leis da física.

Banco de reservas:

Juan Rulfo (México): o reserva imediato para o meio-campo. Entra quando o jogo precisa ficar cadenciado, silencioso e denso.

Yukio Mishima (Japão): atacante focado no sacrifício. Dá agressividade ao ataque.

Eduardo Galeano (Uruguai): o ponta lírico, mestre das narrativas curtas. Incendeia a partida pelo lado esquerdo com paixão latino-americana.

Katherine Mansfield (Nova Zelândia): atacante de transição rápida. Precisa de apenas um lampejo para definir o jogo no detalhe psicológico.

Margaret Laurence (Canadá): zagueira firme. Entra quando o time precisa de resiliência e profundidade na defesa.



Fotos/Divulgação

ROSEANA SARNEY garante uma programação espetacular do Vamos Festejar de 2026, no Convento das Mercês

Vamos Festejar

A deputada federal Roseana Sarney – pré-candidata ao Senado Federal – iniciou o mês de julho em São Luís à frente da produção de um dos mais aplaudidos eventos da temporada dos festejos juninos

nesta Capital: o Vamos Festejar, no Convento das Mercês., sede da Fundação da Memória Republicana Brasileira.

A programação começa no dia 9 e será encerrada no dia 26. Sempre de quinta-feira

a domingo, a partir das 18h.

Serão quatro noites em cada semana, com os melhores e mais aplaudidos grupos folclóricos do Maranhão.

Previsões da sensitiva Vó Bahiana

Em 29 de junho de 2026, a sensitiva Vó Bahiana voltou a garantir que naves extraterrestres podem aparecer durante uma partida da Copa do Mundo de 2026 antes da finalização do torneio.

Em entrevista exclusiva ao Bacci Notícias, ela afirmou que a manifestação ainda ocorreria nos jogos da Seleção Brasileira, apesar de a primeira previsão não ter se confirmado até o momento.

A vidente explicou que suas projeções não perderam validade e que continuam previstas para as próximas partidas do Brasil

no Mundial.

Segundo Vó Bahiana, o encontro com seres de outros planetas seria percebido em um estádio, com naves pairando sobre o gramado e visíveis para todos os telespectadores presentes e ao redor do mundo.

Durante o diálogo, Vó Bahiana relacionou a nova previsão aos sonhos que teria tido recentemente. Ela lembrou ainda do terremoto registrado em 24 de junho e frisou que, apesar desse evento sísmico, a aparição alienígena está “ainda prevista para acontecer” antes do término da Copa do Mundo.



Previsões da sensitiva Vó Bahiana

Essa declaração ocorreu dias após uma entrevista concedida ao jornalista Luiz Bacci, quando ela comentou a repercussão de sua primeira visão de invasão de ETs antes do duelo entre Brasil e Escócia. Na ocasião, Vó Bahiana esclareceu que se trata do relato de um sonho e não de uma previsão irrefutável.

A vidente também revelou que começou a tornar públicas suas experiências oníricas após deixar de divulgar um sonho relacionado

à cantora Marília Mendonça. Desde então, ela decidiu compartilhar com seus seguidores todas as mensagens que recebe em sonhos, acreditando que isso fortalece sua ligação com o mundo espiritual.

Mesmo sem nenhuma ocorrência de seres extraterrestres nos jogos do Brasil até agora, Vó Bahiana permaneceu confiante. Ela afirmou que existe uma “energia muito maior por trás de tudo” que está trabalhando

para que o fenômeno se concretize antes do encerramento do torneio.

Além das previsões, a sensitiva relatou um episódio inusitado enquanto se hospedava em um hotel: por volta das 5h40, o ar-condicionado, o micro-ondas e a cafeteira teriam ligado sozinhos simultaneamente. Para ela, esse fenômeno pode ser um sinal de que algo extraordinário ainda está por vir durante a Copa de 2026.

Um Rei fora da curva

Em 1952 um grupo de estudantes decidiu marchar pacificamente em defesa da própria língua e da identidade do seu povo, em um território conhecido como Paquistão. O movimento nasceu após uma decisão do governo local de impor o urdu como único idioma oficial do país, ignorando por completo os falantes da língua bengali.

O poder político estava concentrado no Paquistão Ocidental, dominado por uma elite de língua urdu. Para milhões de bengaleses, a medida ia além de uma escolha administrativa. Era a negação da própria cultura.

A manifestação foi reprimida com violência pela polícia, provocando mortes e gerando imensa repercussão. Começava ali um período de revoltas, que culminaria com a independência da República Popular de Bangladesh.

Um Rei fora da curva...2

O país nasceu, de fato, em 1971, quando foi oficializada a separação do Paquistão. E foi nesse contexto de afirmação nacional e de um povo aprendendo a contar a própria história que a população passou a reverenciar um rei nascido no Brasil.

Edson Arantes do Nascimento. Copa de 1970. Um homem negro, de origem pobre, vivia seu auge e encantava o mundo com a bola nos pés. Bangladesh ainda vivia sob os efeitos terríveis da guerra. Mas Pelé, vestindo a camisa da Seleção Brasileira, era capaz de oferecer algo precioso: dribles mágicos, jogadas inacreditáveis e instantes raros em que era possível sonhar.

Pelé representava excelência, autoestima e, por que não, a possibilidade de um povo pequeno, distante dos grandes centros de poder, sentir-se conectado ao resto do mundo.

Foi como resumiu o embaixador do Brasil em Bangladesh, Paulo Fernando Dias Férez, em entrevista recente: “Pelé pairava soberano sobre todas as desavenças do mundo”.

É fantástico. E, como tal, é lembrado até hoje.

Um Rei fora da curva...3

Os números do Rei são fora da curva, sabemos. Pelé é o único jogador do planeta a vencer três Copas do Mundo. É o recordista de hat-tricks do futebol mundial: 92 ao longo da carreira. Mas há também uma dimensão histórica. Uma estrela com trajetória inspiradora, que demonstra que é possível sair de um lugar improvável e conquistar respeito do mundo todo.

Talvez seja por isso que sua história tenha encontrado tanto sentido em Bangladesh, que mais uma vez se mostra apaixonada pelo Brasil nesta Copa.

Pelé merece ser chamado de rei, por ser aquele que inspira um povo inteiro a acreditar em si mesmo.

Melhor que filme

Um régio presente em forma de livro: “E Foram todos para Paris” (Casa da Palavra), do jornalista Sérgio Augusto.

Bem humorado e bem escrito guia parisiense dos roteiros da “Geração Perdida”, com direito à farta iconografia.

Seguindo os passos de Hemingway, Scott Fitzgerald, James Joyce, Picasso e as figuras do charmoso círculo de amizades de Gertrude Stein, o autor levantou endereços, montou mapas e itinerários – e, fazendo o papel de detetive e andarrilho cultural – reconstituiu a fervilhante Paris dos anos 1920.

Figurinhas do Brasil no álbum da ONU

Em ritmo de Copa do Mundo, o braço da Organização das Nações Unidas (ONU) no Brasil fez um álbum de figurinhas virtual com os brasileiros que ajudaram a construir a história da entidade.

O órgão completou 80 anos em 2025. As “figurinhas” são:

Sérgio Vieira de Mello, que dedicou sua vida à promoção da paz e da cooperação internacional;

Bertha Lutz, que advogou pelos direitos das mulheres na elaboração da Carta da ONU;

Oscar Niemeyer, que ajudou a projetar a sede da ONU em Nova York;

Oswaldo Aranha, que presidiu a primeira sessão especial da Assembleia Geral da ONU;

Márcia Andrade Braga, que foi premiada pela ONU por promover a igualdade de gênero nas forças de paz;

José Graziano da Silva, o líder global da FAO de 2012 a 2019;

Nicole Bergener Guimarães, que atuou em missões de paz da ONU em Kosovo, Congo e Haiti;

José Augusto Linggren Alves, que liderou as delegações brasileiras nas conferências da ONU nos anos 1990.

Nova exigência do INSS

Quem pretende solicitar aposentadoria, Benefício de Prestação Continuada (BPC) ou auxílio-reclusão precisa ficar atento a uma nova exigência do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Uma portaria publicada pelo órgão regulamentou o processo de validação biométrica para a concessão desses benefícios e definiu um prazo de 30 dias para que o segurado regularize a situação caso não seja encontrado um registro biométrico válido.

A medida está prevista na Portaria DIRBEN/INSS nº 1.347, publicada em junho, e detalha uma regra que já está em vigor desde novembro de 2025.

O objetivo é reforçar os mecanismos de segurança e reduzir fraudes na concessão de benefícios previdenciários e assistenciais.

Nova exigência do INSS...2

O que muda para quem vai pedir um benefício? A partir da nova regulamentação, o sistema do INSS passará a verificar automaticamente se o cidadão possui biometria cadastrada em bases oficiais do governo.

Caso nenhum registro seja localizado, o segurado terá 30 dias corridos para regularizar a situação. Se isso não ocorrer dentro do prazo, o pedido poderá ser encerrado automaticamente pelo sistema.

A exigência vale para novos requerimentos de: aposentadoria; benefício de prestação continuada (BPC) e auxílio-reclusão.

Quem já recebe algum benefício do INSS não será afetado pela mudança neste momento.

Nova exigência do INSS...3

Vale destacar: o INSS não realiza coleta biométrica própria para esses pedidos. Na prática, o órgão consulta informações já registradas em outras bases governamentais.

A comprovação pode ocorrer por meio de documentos que já possuem biometria cadastrada, como: Carteira de Identidade Nacional (CIN); Título de eleitor com biometria cadastrada na Justiça Eleitoral; e Carteira Nacional de Habilitação (CNH) emitida com coleta biométrica.

Por isso, especialistas recomendam que o cidadão verifique antecipadamente se possui algum desses documentos atualizados antes de iniciar o pedido do benefício.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



A aniversariante com Pádua Weber, Soraia e Socorro Fialho



César Bandeira e Thatiana, Teresa Martins, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e Melina

70 anos entre amigos

Um dos salões do restaurante Cabana do Sol, da Ponta do Farol, ficou repleto de amigos de Teresa Martins que foram celebrar os 70 anos de idade dessa grande figura humana, que é diretora administrativa e financeira da Fundação da Memória Republicana Brasileira.

Noitada alegre e animada,

de boas conversas e muita simpatia, oferecida por um grupo de amigos da especial estima da aniversariante.

É claro que não faltaram comidas deliciosas e um serviço dos mais competentes.

Teresa foi festejada em grande estilo, com um alegre coro de "parabéns pra você" e o corte do bolo de aniversário feito por Soraia Fialho.



Teresa Martins entre Ana Maria e Kécio Rabelo, Rafaela Sarney Murad e Fernanda Sarney Murad Muniz



Melina Sereno Fernandes, Ana Lúcia Albuquerque e Thatiana Rodrigues Bandeira



Rafaela Sarney Murad e a filha Fernanda Muniz



Soraia e sua mãe Socorro Fialho



O Repórter PH com Kécio e Ana Maria Rabelo



Ana Lúcia e Amaro Santana Leite



Thatiana Bandeira e Soraia Fialho



O Repórter PH e a aniversariante



Teresa Martins com as irmãs Glorinha e Clores Holanda

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Socorro e Soraia Fialho com Guto Guterres e Lucy e Melina Sereno Fernandes



Socorro e Soraia Fialho com a designer Cintia Klamt Motta



A aniversariante Rosimar e José Carlos Salgueiro



Cintia Klamt Motta com Sandra Ericeira e o filho Gabriel Lima



O Repórter PH com Fernanda e Rafaela Sarney



Teresa Martins e Ana Maria Rabelo



Teresa Martins com César e Thatiana Bandeira



Teresa Martins entre Pedro Guimarães Salgueiro e Carla Duque



Leonardo Barros



Glorinha Holanda e Rosário Saldanha com a aniversariante



Teresa Martins e o amigo Benjamin Franklin Alves



Pádua Weber e Soraia Fialho



Glorinha e Clores Holanda com Rafaela e Fernanda Sarney



Amaro Santana Leite e Luiz Carlos Cantanhede Fernandes



Cintia e Fernando Motta



O gerente do Rest. Cabana do Sol, Joaquim Araújo Lima



Gustavo Adriano Costa passou pelo Cabana e foi abraçar a aniversariante

Fotos/Arquivo



NO CORAÇÃO DE PARIS O ICÔNICO HARRY'S BAR

Há endereços que são muito agradáveis para visitar lá fora, mesmo que não estejam entre as grandes atrações do lugar. São simplesmente pontos em que você se sente bem com a vida e com o mundo.

Dia desses, li duas reportagens que me reaperentaram ao Harry's New York Bar, de Paris, ou, mais simplesmente, o Harry's Bar. A casa nasceu em 26 de novembro de 1911, Dia de Ação de Graças (um sinal bastante auspicioso para um bar americano). Ele foi literalmente desmontado na 7ª Avenida, em Manhattan, e remontado na Rue Daunou, em Paris.

É muito mais do que um magnífico bar de mogno, polido por centenas de cotovelos do outro lado do Atlântico. É um gênero completamente novo: o coquetel.

Frequentei-o muitas vezes, no número 5 da Rue Daunou. O local tornou-se famoso nas décadas 20 e 30 do século passado. Entre seus habituês estavam Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway, mais o restante da Geração Perdida e adjacências. O Harry's Bar continua firme e forte, com toda a tradição que construiu sua fama.

Uma das reportagens percorre a história de uma espécie mais frágil. Passam mal os pubs da Inglaterra. Diz a matéria que, sem público e sem dinheiro para pagar os salários dos empregados, 37 deles fecham as portas, em média, toda semana na



terra da Rainha Elizabeth. É uma pena, porque os pubs fazem parte da crônica histórica e literária do Reino Unido. "Uma caneca de cerveja é um prato de rei", escreveu ninguém menos do que William Shakespeare.

Dickens ambientou parte de um de seus romances na Trafalgar Tavern. E os contos e romances de Somerset

Maugham trazem alusões à centenária invenção, que decreta, além do fim de um hábito secular, uma ameaça a 2 mil marcas diferentes de cerveja que resistem no reino da Princesa Kate.

Tudo isso é, no fundo, mais um resultado da economia combalida pela crise avassaladora que assola a Europa, das severas leis antitumo e das

mudanças nos hábitos de consumo de bebida.

Mas é preciso não esquecer que a inflação dos últimos anos reduziu o poder de compra dos ingleses. Mas nada muda uma realidade: os pubs não desaparecerão, apesar de todas as crises, e o Harry's Bar seguirá sendo uma bandeira de bom gosto no coração de Paris.

O Original

Em 1911, o escocês Harry MacElhone almejou levar a tendência americana dos "bares de coquetéis" para a França. Sua aposta deu certo, e o estabelecimento se tornou um ponto de encontro imperdível, frequentado por todas as grandes figuras do século XX e que continua frequentando até hoje (Hemingway, Dietrich, Duras, Tarantino, Castelbajac e muitos outros).

A família MacElhone

Harry MacElhone começou a trabalhar no Harry's Bar (no New York Bar) em 1911. A família MacElhone ainda administra este lugar lendário com uma ótima equipe dedicada ao bar e aos seus clientes.

Harry passou o comando para Andrew, que por sua vez o passou para Duncan. Franz-Arthur, bisneto de Harry, nasceu, assim como ele, em 16 de junho... 98 anos depois!

A votação informal

O Harry's Bar instituiu uma eleição simulada já em 1924. Ela começava um mês antes do dia oficial da eleição nos Estados Unidos, permitindo que os americanos em Paris votassem durante o período eleitoral. Resultados provisórios eram divulgados regularmente.

Esta votação tornou-se uma verdadeira instituição, mais confiável do que todos os institutos de pesquisa juntos. De fato, a pesquisa de Harry só errou duas vezes em 87 anos, ou 25 eleições. O procedimento é rigoroso para evitar qualquer fraude. Uma grande festa é organizada e a pesquisa de Harry é, mais uma vez, "o lugar para estar".

Piano Bar

Sua visita ao Harry's ficará completa após vivenciar o ambiente do piano bar. Coquetéis e música se unem em uma atmosfera intimista com iluminação suave. Já em 1933, este lugar era chamado de "Cabaret da Primeira Página". Harry teve a ideia de cobrir as paredes com primeiras páginas de jornais do mundo todo. A decoração mudava a cada dez ou quinze anos, pois rapidamente se tornou um modelo copiado por toda Paris.

Posteriormente, as paredes foram decoradas com caricaturas de figuras proeminentes da Paris pré-guerra.

Ao teclado, grandes nomes do jazz se sucederam. Tommy Lyman, mas também Leo Deslys e Roy Barton, animaram por muito tempo as noites no Harry's Bar.

Você sabia que foi neste piano que George Gershwin compôs "Um Americano em Paris"? Os clientes, aliás, não apreciavam nada a cacofonia e imploravam a Harry que contratasse um afinador de pianos. Gershwin anotou sua composição em guardanapos de papel, que foram queimados durante a guerra para acender o fogão.

Uísque

O whisky é a outra grande paixão do Harry's Bar. Ao longo dos anos, acumulou garrafas que agora são itens de colecionador.

Olhando para o futuro, também produziu o seu próprio whisky em parceria com destilarias amigas na Escócia.

Atualmente, a casa se orgulha de possuir a melhor adegas de whisky da França, com mais de 350 rótulos diferentes.

O Harry's Bar em Cannes

Oficial! A partir de junho de 2020, o icônico bar de coquetéis parisiense Harry's Bar, abriu suas portas em Cannes. O novo estabelecimento está localizado no coração da marina de Cannes, o Port Canto. Ele foi renovado e modernizado por David Lisnard, prefeito de Cannes, como parte do projeto de revitalização da Croisette.

Franz-Arthur MacElhone, bisneto de Harry MacElhone, fundador do famoso bar de coquetéis onde foram inventados o Bloody Mary e o Blue Lagoon, escolheu Cannes para perpetuar a atmosfera única do ilustre bar.

"Cannes, uma aldeia global, tem um DNA muito semelhante ao do Harry's Bar. Internacional em sua fama e humana em sua escala, esta cidade é sem dúvida o lugar ideal para desenvolver uma versão ensolarada e cubana do nosso saber-fazer.

Como proprietário da quarta geração do Harry's Bar e natural de Cannes, é no Port Canto que desejo dar continuidade à aventura do bar de coquetéis mais antigo da Europa." - disse Franz-Arthur MacElhone

Na primeira década do século 21 fui apresentado ao icônico Harry's Bar de Cannes, que inevitavelmente evoca Hemingway. Por lá encontrei os cineastas brasileiros Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues, Luiz Carlos Barreto, o ator José Wilker, entre outros que já partiram para a eternidade.

Comigo, estava Maria Vandira Peixoto. Fomos convidados para o Festival de Cannes através do então Adido Cultural do Brasil na França. Antenor Bogéa Filho, hoje aposentado da carreira diplomática.

COQUETÉIS



Boulevardier

Uísque bourbon, vermute tinto, Campari



Maria Sangrenta

Vodka, suco de tomate, suco de limão, Tabasco, sal e pimenta



Sidecar

Conhaque VS, Triple sec, Suco de limão



Francês 75

Champanhe, gim, suco de limão, algumas gotas de absinto.



Lionel Messi repete o gesto famoso de Albert Einstein

FRASES DE ALBERT EINSTEIN PARA REFLETIR E SE INSPIRAR

Um dos principais físicos de todos os tempos, Albert Einstein ficou conhecido por desenvolver a Teoria da Relatividade e a equação $E = mc^2$, que estabelece a relação entre massa e energia. Mas seu legado vai muito além disso. O cientista também conquistou fama mundial com suas reflexões sobre religião, política, educação e, claro, a perseguição da Alemanha nazista aos judeus.

Apesar disso, os holofotes nunca foram seu forte. Tanto é que, em 1953, Einstein revelou ao amigo e um de seus primeiros biógrafos, Carl Seelig, a seguinte frase: "No passado, jamais me passou pela

cabeça que cada comentário casual meu seria captado e gravado. Caso contrário, eu teria me fechado ainda mais em mim mesmo".

Fato é que, mesmo sem buscar reconhecimento constante, suas ideias e pensamentos atravessaram gerações e continuam motivando pessoas ao redor do mundo, tornando-se verdadeiras lições para diferentes momentos da vida.

A seguir, confira frases de Albert Einstein para você refletir e se inspirar neste fim de semana!

1. Conhecimento e imaginação

"A imaginação é mais importante que o conhecimento, porque o conhecimento é limitado, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro."

A declaração foi feita por Albert Einstein durante uma entrevista concedida a George Sylvester Viereck, publicada na revista The Saturday Evening Post, sob o título "What Life Means to Einstein".

2. Maiores perigos da humanidade

"A ciência trouxe esse perigo [as armas nucleares], mas o verdadeiro problema está na mente e no coração dos homens. Não vamos mudar os corações de outros homens por mecanismos, e sim mudando nossos corações e falando com bravura... Quando tivermos clareza de coração e mente... só então encontraremos a coragem para superar o medo que assombra o mundo."

A famosa reflexão é um trecho da entrevista concedida por Albert Einstein a Michael Amrine, publicada sob o título "The Real Problem Is in the Hearts of Men", na revista The New York Times Magazi.

As frases de Albert Einstein oferecem reflexões profundas sobre a vida (Imagem: Satish Bapat | Shutterstock)

3. Reflexão sobre o tempo

"A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão teimosamente persistente."

Trecho retirado da carta de condolências de Einstein à família do engenheiro suíço Michele Besso, seu melhor amigo de tempos de faculdade.

4. Obediência cega

"Detesto, de saída, quem é capaz de marchar em formação com prazer ao som de uma banda. Nasceu com cérebro por engano; bastava-lhe a medula espinhal."

O trecho que expressa o repúdio do físico à obediência cega é uma adaptação do livro "Como Vejo O Mundo", Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

5. Sentido da vida e o que realmente tem valor

"Jamais considere o prazer e a felicidade como um fim em si [...] Chamam-se o bem, a beleza, a verdade. Se não me identifico com outras sensibilidades semelhantes à minha e se não me obstino incansavelmente em perseguir este ideal eternamente inacessível na arte e na ciência, a vida perde todo o



sentido para mim. Ora, a humanidade se apaixona por finalidades irrisórias que têm por nome a riqueza, a glória, o luxo. Desde moço já as desprezava."

Trecho retirado e adaptado do livro "Como Vejo O Mundo", Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

6. Uma citação apócrifa atribuída ao gênio

Circula por aí uma frase que parece tão a cara de Albert Einstein que acabou sendo atribuída a ele de forma quase automática nas redes sociais, em blogs de desenvolvimento pessoal, calendários

motivacionais e até em reportagens. Como se fosse mais uma das muitas reflexões deixadas por ele ao lado de suas teorias revolucionárias.

"Uma pessoa inteligente resolve um problema, uma sábia o evita."

O problema é que não existe nenhum documento, entrevista, palestra, carta ou livro em que essa frase apareça. Por isso, biógrafos e especialistas acreditam que se trata de uma citação apócrifa, ou seja, uma frase falsa atribuída a alguém famoso. É mais um daqueles casos em que a internet e o imaginário coletivo acabam colocando palavras na boca de personalidades célebres, porque o nome delas dá um peso imediato à mensagem. E, claro,

porque a frase combina com a forma como essa pessoa costumava pensar.

7 - Sobre a solidão: "A monotonia e a solidão de uma vida tranquila estimulam a mente criativa."

Albert Einstein voltou a ser lembrado por uma frase atribuída a ele sobre solidão, monotonia e criatividade: "A monotonia e a solidão de uma vida tranquila estimulam a mente criativa." A reflexão conecta rotina silenciosa, pensamento profundo e imaginação, embora a atribuição da frase circule em coletâneas sem comprovação documental definitiva.

8 - O que Albert Einstein quis dizer sobre a solidão?

Albert Einstein é associado a uma ideia simples: a solidão pode abrir espaço mental quando não é abandono, mas recolhimento escolhido. Nesse sentido, ficar longe de ruídos constantes permite observar problemas com mais calma e organizar pensamentos sem interrupções.

A frase não trata a vida tranquila como falta de ambição. Ela sugere que a mente criativa precisa de silêncio, repetição e tempo livre para ligar ideias que, no excesso de estímulos, passam despercebidas.

9 - A solidão pode ser boa para pensar melhor?

A frase atribuída a Albert Einstein continua forte porque contraria a pressa moderna. Em vez de tratar silêncio como vazio, ela apresenta a solidão como um espaço onde a mente criativa respira, revisa caminhos e encontra combinações novas entre ideias antigas.

O ponto central está no equilíbrio. A vida tranquila pode estimular criatividade quando preserva vínculos, descanso e curiosidade; nesse cenário, a monotonia deixa de ser paralisia e vira uma espécie de oficina silenciosa para o pensamento.

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

@evandrojr

@evandrojr



Durante o congresso, Samira apresentou um caso de Blefaroplastia Revisional, procedimento realizado para corrigir ou aperfeiçoar uma cirurgia prévia nas pálpebras, no bloco da SBCPO Jovem

A oftalmologista Dra. Samira Cutrim, da Elleve Plástica no Olhar, representou o Maranhão como palestrante no Congresso Internacional de Oculoplástica e Estética Periocular, promovido pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Ocular (SBCPO).

A médica tornou-se a primeira especialista maranhense a compartilhar sua experiência científica em um evento de alcance internacional na área, reforçando o protagonismo do Estado no cenário da oftalmologia e da cirurgia plástica ocular.

Durante o congresso, a médica Samira apresentou um caso de Blefaroplastia Revisional, procedimento realizado para corrigir ou aperfeiçoar uma cirurgia prévia nas pálpebras, no bloco da SBCPO Jovem

Aula no Rooftop Miramar

A Faculdade de Negócios FAENE dá início, nos dias 6, 7 e 8 de julho, às primeiras aulas do MBA em Gastronomia, Hotelaria e Eventos, uma pós-graduação voltada à formação de profissionais que desejam atuar ou se especializar em um dos segmentos que mais crescem no mercado de serviços.

A abertura do módulo será conduzida pelo professor Daniel Palhano, que ministrará aulas práticas sobre cervejas, vinhos e coquetéis, abordando desde os fundamentos da harmonização até técnicas de degustação, análise sensorial, serviço e tendências do mercado de bebidas.

Uma experiência imersiva

A proposta é proporcionar aos alunos uma experiência imersiva, unindo teoria e prática em um ambiente profissional.

As atividades acontecerão no Rooftop Miramar, espaço gastronômico localizado na Avenida dos Holandeses, reconhecido por sua estrutura moderna, ambiente sofisticado e vista privilegiada da orla.

O restaurante reúne gastronomia contemporânea, carta de bebidas selecionada e um ambiente que proporciona aos estudantes uma vivência próxima da realidade dos empreendimentos de alto padrão, favorecendo o aprendizado prático e a interação com o mercado.

O jovem empresário Eduardo Rabello em viagem recente ao Chile, para onde foi recarregar as energias nas paisagens deslumbrantes de um dos destinos mais encantadores da América do Sul



Com carisma, espontaneidade e muito bom humor, a apresentadora Jana Fontenelle, da TV Mirante, entra no clima da Copa do Mundo e dá um show de simpatia, mostrando toda sua leveza e autenticidade diante das câmeras



Os produtores de eventos Luan Jorge e Halan Freitas, que estão batendo um bolão no comando da Arena Torcedor, montada no Quintal Lagoa'1



Luzeuma Mamede, Plínio Tuzzolo e Keila Freitas

O Villa do Vinho Bistrô promoveu uma experiência premium para os clientes acompanharem a partida entre Brasil e Escócia, reunindo telão, gastronomia contemporânea e rodízio de vinhos, com degustação dos rótulos portugueses Perereca do Monte nas versões tinto, branco e rosé.

A programação também contou com o Bolão do Villa, que premiou uma cliente que acertou o placar da vitória brasileira por 3 a 0 com uma garrafa de espumante. A iniciativa reforçou a proposta do restaurante de oferecer experiências que unem enogastronomia, conforto e entretenimento.



Danielle Vieira e José Domingues Neto



Renata Costa e Renan Salgueiro



Adriana Vieira (InterMídia)



Zil Oliveira com Wesley Cunha em visita à Narcisca Tamborindegu e no seu icônico apartamento no Edifício Choppin, no Rio, no último fim de semana